

EVOCÇÃO BREVE DE ISMAİL KADARÉ

No dia 2 de Junho do ano passado, foi anunciado à comunicação social o nome do vencedor do prémio literário ‘The Man Booker International Prize 2005’¹: Ismaïl Kadaré. O júri, composto por John Carey, Alberto Manguel e Azar Nafisi, sublinhou que havia tomado em consideração o carácter universal da sua obra, bem como a sua filiação numa tradição narrativa que remonta a Homero². Registe-se que da lista de candidatos faziam parte outros nomes importantes da literatura mundial: Margaret Atwood, Saul Bellow, Gabriel Garcia Marquez, Gunter Grass, Milan Kundera, Stanislaw Lem, Doris Lessing, Ian McEwan, Naguib Mahfouz, Tomaz Eloy Martinez, Kenzaburo Oe, Cynthia Ozick, Philip Roth, Muriel Spark, Antonio Tabucchi, John Updike e A. B. Yehoshua³.

Ismaïl Kadaré nasceu em 1936 na povoação albanesa de Gjirokastër, situada nas proximidades da fronteira com a Grécia. Depois de ter frequentado a Faculdade de Letras da Universidade de Tirana, concluiu a formação superior no Instituto Gorki de Moscovo, especializado na preparação de escritores e críticos.

Iniciou a sua carreira literária como jornalista e tornou-se conhecido na Albânia com a novela *O general do exército morto*, publicada em França em 1970. Considerando que “ditadura e literatura autêntica são incompatíveis”, o escritor tornou-se inimigo político do regime comunista e pediu asilo à França, onde vive desde Outubro de 1990. É sobretudo a partir dessa altura que se torna mais conhecido em Portugal, com a publicação de *O dossier H*,

¹ De acordo com o regulamento, este prémio visa reconhecer o trabalho de um autor vivo de qualquer nacionalidade, publicado em língua inglesa, que tenha contribuído decisivamente para a literatura mundial, bem como elevar a criatividade e desenvolvimento da sua carreira a uma escala global.

² “Ismaïl Kadaré is a writer who maps a whole culture – its history, its passion, its folklore, its politics, its disasters. He is a universal writer in a tradition of storytelling that goes back to Homer.”

³ As informações deste parágrafo foram recolhidas de <www.manbookinternational.com/media/20050602.php>.

pela Difusão Cultural (Lisboa, 1991), numa tradução de Carmen de Carvalho a partir da edição francesa⁴. Durante os anos noventa, a editora Dom Quixote publicou outras obras de Ismaïl Kadaré: *O palácio dos sonhos* (1992), *A pirâmide* (1994), *Três cantos fúnebres pelo Kosovo* (1999). O romance *Abril despedaçado* saiu em 2001.

Apresentado como um *thriller* épico, *O dossier H*, já comentado nas páginas do *Boletim de Estudos Clássicos* por José Ribeiro Ferreira⁵, expõe de forma clara o fascínio de Ismaïl Kadaré pelo mistério que envolve a criação e transmissão dos Poemas Homéricos. A acção situa-se, porém, no seu país natal. À medida que evolui, os dois protagonistas – estudiosos irlandeses vindos de Nova Iorque – vão sendo confrontados com os males que afectam uma comunidade dominada pela ignorância, pelo medo e pela subserviência a um regime despótico: as suspeitas sem fundamento, os rumores malevolentes, a burocracia, a vigilância forçada..., e são tomados por espões!

Num registo do qual não estão ausentes o humor e a sátira subtil, sob a forma de um inquérito sobre a génese e transmissão da epopeia homérica, inspirado pela célebre teoria oralista de Milman Parry, *O dossier H* tece uma reflexão perspicaz sobre a criação literária e questiona, de forma hábil, as atitudes despóticas que limitam a liberdade do ser humano.

Na carta aberta em que justificou o pedido de asilo político, o autor terá escrito: “A minha decisão de deixar o meu país é o prolongamento lógico de tudo quanto tenho defendido na minha obra.”⁶. A extensa actividade literária de Ismaïl Kadaré, feita de poemas, contos, novelas, romances, peças de teatro e ensaios, tem confirmado este compromisso do autor com a sua consciência política, social e histórica. *O dossier H*, por outro lado, ilustra exemplarmente o modo como a cultura clássica e as reflexões profundas que ela suscita constituem um pretexto privilegiado para uma posição crítica sobre o tempo presente, em especial a respeito da Albânia, que ao longo da História tem sido palco de conflitos sangrentos, de guerras civis, de confrontos étnicos, e onde o espaço de liberdade se foi fechando à medida que Ismaïl Kadaré soltava a sua voz. Ao mesmo tempo, a cultura clássica constitui uma

⁴ Librairie Arthème Fayard, 1989. *O dossier H* foi concluído em Dezembro de 1981. Em 1976 fora já publicado em Portugal o romance *Os tambores da chuva* (Lisboa, Maria da Fonte).

⁵ “Aspectos da Questão Homérica em dois romances recentes”, *BEC* 29 (Junho de 1998) 133-134.

⁶ Citado na contra-capla da edição portuguesa de *O dossier H*.

fonte eterna de inspiração, à qual o autor tem regressado regularmente, elegendo-a como um dos valores mais fecundos da identidade europeia.

Esta influência marcante está presente logo numa das primeiras narrativas. Publicado em 1965 e imediatamente proibido pelo regime comunista da Albânia, o romance *Le Monstre* recupera o mito do rapto de Helena e do stratagem do cavalo de madeira (o *Monstro*), para propor uma versão “corrigida” da história da guerra de Tróia⁷.

O cruzamento constante dos conflitos sócio-políticos do presente com os grandes temas clássicos, especialmente os que a epopeia homérica e a tragédia ática trataram, continuou a distinguir várias obras de Ismaïl Kadaré como, por exemplo, o ensaio *Eschyle ou le Grand Perdant*, a “tragédia” *Mauvaise saison sur l'Olympe* ou o romance *La fille d'Agamemnon*⁸.

Embora *O dossier H* seja um romance fascinante, do qual ouvimos falar pela primeira vez numa aula de Literatura Grega da Prof. Doutora M. H. Rocha Pereira, a nossa preferência vai para o ensaio *La légende des légendes*, publicado em 1995, no qual Ismaïl Kadaré examina o processo de criação dos mitos, dos antigos e dos modernos. Incluído na colecção ‘La légende’ da editora Flammarion, trata-se de uma obra diferente das anteriores, uma vez que a reflexão do autor se apoia na memória popular e literária, bem como na iconografia, do passado e do presente. Um processo literário dominante é, portanto, a *ekphrasis*, uma vez que ao longo da exposição muitos dos comentários são sustentados pela descrição das numerosas imagens que iluminam este ensaio. Deixamos aqui as palavras com que Ismaïl Kadaré conclui estas “notes sur les légendes” (pp. 270-271):

Les légendes sont notre brouillard à nous. Le brouillard dont nous avons tellement besoin, nous tous, habitants de cette planète: tyrans et esclaves, bons et mauvais, heureux et tourmentés, libres et enchaînés ou outragés, banquiers et pauvres hères, nobles, prostituées et assassins.

⁷ *Le Monstre* foi publicado em França pela editora Fayard em 1991.

⁸ Citamos os títulos a partir das traduções francesas. As Éditions Fayard publicaram em 1988 uma edição revista de *Eschyle ou le Grand Perdant* (1ª ed. 1985). *Mauvaise saison sur l'Olympe*, no qual o autor cumpre o sonho de reconstituir a tragédia perdida sobre o mito de Prometeu, foi publicada em França em 1998. O romance *La fille d'Agamemnon* data de 2003.

Nous en avons besoin parce que les vues et les faits de cet univers font trop peur à nos yeux et à notre conscience. Il leur faut un voile. De telle sorte que la vérité arrive jusqu'à nous brisée comme à travers un prisme. Sinon elle risquerait de détruire l'édifice fragile de nos âmes et de nos corps.

Tel un tourbillon insensé tournoient au-dessus de nous les sorcières, les anges et les démons, Gilgamesh des Assyriens, Tristan et Yseult, Prométhée, les Atrides ensanglantés, don Juan Tenorio et don Miguel Manara, fondus et unifiés dans la figure de don Juan, Abraham, les prophètes bibliques, Faust, l'étudiant ivrogne mort en 1543 en même temps que son Méphistophélès, de nouveaux visages en élaboration, Marilyn Monroe, Hitler et peut-être Einstein, qui peuvent se manifester en dieux ou qui sait sous quelle autre forme.

Notre vie est enveloppée de cette couche dense, tout comme le globe terrestre de son atmosphère. Sinon les meurtriers rayons ultraviolets venus de l'insensibilité du cosmos brûleraient tout.

Notre âme épouvantée d'elle-même a créé sa propre défense. Sans cette cuirasse, elle serait nue et en détresse dans la nuit glaciale de l'univers.

LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA